

Um mercado bem promissor

Os músicos que estão à frente das composições de jingles e spots em Brasília são na sua maioria de formação erudita e levam uma outra vida profissional, que é o seu trabalho como compositor e intérprete. É o caso de Rênio Quintas & Fernando Corbal e Paulo André & Fernando Fontana. Todos têm seus trabalhos em bandas, duos, trios e outras formações, mas engrossam suas receitas com criação e produção de trilhas para tevê, rádio, vídeo etc.

Corbal e Quintas contam com um estúdio próprio, de oito canais. Os dois são equipados até os dentes de computadores, teclados e muito talento. A especialidade da dupla dinâmica é a produção de spots, que se diferencia do jingle por não ser cantado. Nada a estranhar, pois eles são integrantes da banda Naípe, que é instrumental. Eles já trabalharam para todas as grandes agências publicitárias de Brasília, e também já produziram muitas trilhas para as diversas produtoras de vídeo.

O violonista Paulo André conta com uma vasta experiência em criação e produção de jingles, tendo inclusive trabalhado numa das maiores empresas do ramo no País, a Tape Spot, do Rio. Assim como os demais colegas, P.A. vê boas perspectivas para o mercado brasileiro. Ele que é professor da Escola de Música e toca em diversos eventos culturais, tem por volta de 40 por cento

ARQUIVO



Rênio Quintas e Fernando Corbal: especializados na produção de spots

da sua receita gerada com o seu trabalho com trilhas. “E é crescente”, afirma o músico. Quem espera por algum preconceito pelo fato de um músico erudito estar criando jingles, pode desistir. “Um bom jingle demanda muito conhecimento de harmonia e arranjo, e só um músico pode fazê-lo”, explica Paulo André.

Um bom exemplo do trabalho de Paulo e Fontana é a campanha do Meio Ambiente, recentemente veiculada na tevê, envolvendo o personagem Cerradinho.

Legalidade — Dimas Thomas, da Forum Propaganda, é um dos publicitários que enco-

mendava trabalhos fora de Brasília, e agora só usa os produtos da terrinha. Ele também vê como muito rápida a evolução desta área na cidade e, assim como os demais atuantes no campo, critica muito a atuação do ECAD (Escritório de Arrecadação de Direitos Autorais). “Eles ficam fiscalizando bares que usam até as FMs para animar o ambiente, e deixam as tevês e rádios impunes”, denuncia Dimas.

Muitos produtores, no intuito de minimizar seus custos, substituem os jingles e spots por trilhas chupadas dos discos, o que é totalmente ilegal. A nível ético esta é uma conquista ainda a ser feita.